



OUTRO REENCONTRO COM A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO E A PEDAGOGIA DA ESPERANÇA

ANOTHER REUNION WITH THE PEDAGOGY OF THE OPPRESSED
AND THE PEDAGOGY OF HOPE

OTRO REENCUENTRO COM PEDAGOGIA DEL OPRIMIDO Y
LA PEDAGOGIA DE LA ESPERANÇA

Luiza Cortesão¹

RESUMO: Foi admitindo como hipótese uma significativa presença estruturante (mas, evidentemente, não única), na “Pedagogia da Esperança”, dos conceitos de “incompletude” e de “inérito viável” que se decidiu organizar o presente texto em quatro partes: uma primeira em que se descreverão alguns acontecimentos relativos ao enquadramento sociopolítico e econômico do Mundo e do Brasil, acontecimentos esses que poderão ter influenciado gênese e conteúdo desta obra; uma segunda, em que se abordarão, brevemente, alguns aspectos da relação entre o autor e a sua obra; um terceiro em que se propõe um olhar, que se vai tornando cada vez mais deslumbrado, de leitura da “Pedagogia da Esperança”. Finalmente ir-se-ão adiantar possíveis explicações de razões que terão levado Freire a escolher, este período, para análise, e porquê, naquele contexto sociopolítico, tão complexo e mesmo hostil, ele terá eleito a “esperança” como tema de reflexão.

PALAVRAS-CHAVE: Incompletude. Esperança. Inérito viável. Politicidade da educação.

ABSTRACT: It was admitted, as an hypothesis, a significant structuring presence (but, of course, not unique) in the “Pedagogy of Hope”, of the concepts of “incompleteness” and “viable unprecedented” that it was decided to organize the present text into four parts: a first in which it will be described some events related to the socio-political and economic framework of the World and Brazil, events that may have influenced the genesis and content of this work; a second, in which it will be briefly discussed some aspects of the relationship between the author and his work; a third one in which, under a look (that is becoming more and more dazzled) the reading of the “Pedagogy of the Hope”; finally, possible explanations will be given for the reasons that led Freire to choose this period for analysis, and why, in that socio-political context, so complex and even hostile, he would have chosen “hope” as a topic for reflection.

KEYWORDS: Incompleteness. Hope. Unprecedented viable. Political nature of education.

RESUMEN: Se admitió como hipótesis una significativa presencia estructurante (pero, evidentemente, no única), en la “Pedagogía de la Esperanza”, de los conceptos de “incompletud” y de “inérito viable”, que se decidió organizar el presente texto en cuatro partes: una primera en que se van a describir algunos acontecimientos relativos al encuadramiento sociopolítico y económico del Mundo y del Brasil, acontecimientos que pueden haber influenciado génesis y contenido de esta obra; una segunda, en la que se abordarán brevemente algunos aspectos de la relación entre el autor y su obra; un tercero en que se propone una mirada, que se va tornando cada vez más deslumbrado, de lectura de la “Pedagogía de la Esperanza”; y en el contexto sociopolítico, tan complejo e incluso hostil, él habrá elegido la “esperanza” como tema de reflexión, por fin se van a adelantar posibles explicaciones de razones que habrán llevado a Freire a escoger, este período, para análisis, y por qué, en ese contexto sociopolítico, tan complejo e incluso hostil, él habrá elegido la “esperanza” como tema de reflexión.

PALABRAS CLAVE: Incompletud. Esperanza. Inérito viable. Carácter político de educación.

Submetido em: 09/01/2019 – **Aceito em:** 14/01/2019 – **Publicado em:** 16/01/2018

INTRODUÇÃO

O título que Paulo Freire deu a esta obra, que publicou em 1992, é um tanto enigmático, mesmo desafiante. De fato, num período da história do Brasil e num mundo político e economicamente incerto, em que, crescentemente se afirmava um capitalismo muito ameaçador das ideias que o próprio Freire defendia e pelas quais continuava a lutar, porquê terá ele optado por falar de “Esperança”? E porquê, também, nesta altura da sua vida, terá decidido conceber e construir toda uma obra a partir de uma reflexão sobre a “Pedagogia do Oprimido”, escrito 24 anos antes?

Ao analisar este livro poderão vislumbrar-se (embora não estejam de forma claramente explicitados) sinais de que se trata de uma obra de maturidade, que recorre, frequentemente, a dois dos mais importantes conceitos que Freire trabalhou ao longo de toda a sua vida: em primeiro lugar, pode apontar-se aquele conceito em que ele defende que o ser humano “não é”, mas sim “está sendo”. Defende, portanto que o ser humano é marcadamente incompleto, e que é essa incompletude que lhe permite ir-se enriquecendo ao incorporar aprendizagens decorrentes de situações que vai vivenciando.

Mas não é só o conceito de “incompletude” que se pode descobrir estar presente neste livro, de modo particularmente significativo. Ao longo do texto, como aliás ao longo de toda a sua obra, pode identificar-se uma constante defesa da convicção de que, aquilo porque se luta, mesmo que aparentemente inatingível, terá a possibilidade de ser alcançado, se se persistir em ações corajosas e argutas de combate aos problemas existentes. Trata-se, portanto, também de uma opção de natureza ideológica, que aposta na validade do conceito de “inédito viável”.

Se, em primeiro lugar, nos detivermos, mesmo que muito brevemente, no conceito de “incompletude”, ao ler este livro, poderemos compreender quanto ao longo do texto se vai tornando evidente que este Freire dos anos 1990 não era exatamente o mesmo que, nos anos 1970, refugiado no Chile, depois de ter trabalhado intensamente no Recife, em Educação Popular e de ter concebido e posto em prática a experiência de Angicos, este Freire que escrevia a “Pedagogia do Oprimido”, que lia Marx, citava Che Guevara, que debatia, longamente, as suas ideias com Illich, este Freire que tinha experienciado uma duríssima experiência de exílio, Freire que se movimentara e mergulhara durante quase 10 anos numa Europa política e culturalmente efervescente, bem como numa África, em convulsão, que procurava sacudir as fundas e dolorosas marcas do colonialismo; Freire que, na sua “andarilhagem”, tinha podido ver os enormes ecos que a “Pedagogia do Oprimido” tinha conseguido e continuava a conseguir no mundo, esse Freire, não era exatamente o mesmo que escrevia agora “Pedagogia da Esperança”. Ele próprio se refere a essas “novas tramas”, esses

“novos saberes” que se vão adquirindo, quando fala, por exemplo, a propósito da dor do exílio:

Algumas tramas terminaram por me trazer ao exílio a que chego com o corpo molhado de história, de marcas culturais, de sentimentos, de dúvidas, de sonhos rasgados, mas não desfeitos de saudades de meu mundo, de meu céu, das águas mornas do Atlântico, da ‘língua errada do povo’, ‘língua certa do povo’. Cheguei ao exílio e, à memória que trazia no meu corpo de tantas tramas, juntei a marca de novos feitos, novos saberes, constituindo-se então em novas tramas (FREIRE, 1992, p. 12-13, destaque nosso).

Mantendo-se sempre coerente, na sua orientação ideológica, é este Freire que, novamente, se “molhava”, se enriquecia com o que se ia acontecendo nos novos contextos em que vivia, que faz se si próprio a descrição de um excelente exemplo de alguém que se enriqueceu graças à sua condição de incompletude.

Quanto a falar de “esperança”, é ele próprio, nas “primeiras palavras” da “Pedagogia da Esperança”, que se questiona (embora colocando a interrogação na boca de “um-sem número de pessoas”): “Mas como, Paulo, uma Pedagogia da Esperança no bojo de uma tal ‘sem-vergonhice’ como a que nos asfixia hoje no Brasil?” (FREIRE, 1992, p. 9).

De fato, falar de esperança quando a onda do capitalismo financeiro invadia um Brasil ao mesmo tempo que grande parte da população estava na miséria e continuava sem acesso à educação, só é possível a um homem que, tendo arriscado a sua própria segurança, continua a defender um posicionamento que ultrapassa a ideia de utopia. É uma atitude só possível em alguém que luta para que algo (embora “inédito”) possa vir a acontecer, algo que, aos olhos de atores sociais menos persistentes, menos argutos, poderia parecer uma utopia lírica, mas que, defende ele, adotando formas de ação adequadas, poderá tornar-se “viável”.

Foi sempre admitindo como hipótese uma significativa presença estruturante (mas, evidentemente, não única) destes dois conceitos na obra “Pedagogia da Esperança”, que se decidiu organizar o presente texto em quatro partes: uma primeira em que se descreverá o contexto sociopolítico e econômico do Mundo e do Brasil que poderá ter influenciado a gênese e conteúdo desta obra; uma segunda, em que se abordará a relação entre o autor e a sua obra; um terceiro em que se propõe um olhar que se vai tornando cada vez mais deslumbrado ao ler a “Pedagogia da Esperança”. Finalmente ir-se-ão adiantar possíveis explicações de razões que terão levado Freire a escolher para análise este período, e porquê, neste contexto sociopolítico, tão complexo e mesmo hostil, terá eleito a “esperança” como tema de reflexão.

BREVE REFERÊNCIA A CARACTERÍSTICAS DO CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO ENTRE O FINAL DOS ANOS 1980 E DOS ANOS 1990

Os anos 90, e mesmo já o final dos anos 80 do século XX constituem um período em que se alteraram, claramente, alguns equilíbrios políticos e econômicos anteriormente existentes no mundo, alterações essas que tiveram diversificados efeitos para toda a humanidade. Foi realmente um período em que ocorreram acontecimentos que sacudiram o mundo: basta recordar, por exemplo, o processo da “Perestroika”, na URSS, iniciado em 1985; a queda do “Muro de Berlim” (1989) com a conseqüente reunificação das Alemanhas (RDA e RFA), que estavam separadas desde o final da Segunda Grande Guerra; o fim da “Guerra Fria”, que punha ameaçadoramente em confronto os blocos Oriental e Ocidental (1991). Ainda é de referir que, nesta década, no “velho continente”, entrou em vigor o tratado que instituiu a União Europeia (1992).

Em Portugal tinha havido, anteriormente, a “Revolução dos Cravos” (1974) pelo que era agora um país democrático. Em Espanha, após a morte de Franco, acabara também a ditadura e, no quadro de uma monarquia, tinha sido possível organizar eleições livres.

Na África do Sul, tinha acabado o *apartheid*, tendo sido posteriormente eleito o primeiro presidente negro daquele país, Nelson Mandela (1990).

Foi ainda nesta época que terminou no Chile a ditadura de Pinochet, ao mesmo tempo em que, em Cuba, com o bloqueio comercial imposto pelos USA (1992, 1996) se foram fazendo sentir importantes e constrangedores efeitos de uma nova ordem econômica mundial que, progressivamente, se afirmava, dominada pelo capitalismo.

No Brasil, com a eleição de Tancredo Neves e o fim da ditadura militar (1985) foi acontecendo um período complexo, em muitos sentidos, de transição para a democracia, em que progressivamente, o capitalismo se foi também afirmando, e com taxas de inflação galopantes. Sucederam-se na presidência da república Sarney, Collor de Mello e Itamar Franco. Este, ao procurar controlar a forte inflação que então se fazia sentir, nomeou Fernando Henrique Cardoso como Ministro da Economia. Já com Collor de Mello, mas sobretudo com a orientação de F. H. Cardoso, primeiro como Ministro da Economia, e posteriormente como Presidente da República, a inflação foi sendo controlada, com a estabilização da moeda (não só no Brasil mas também noutros países) ao mesmo tempo que se afirmava um crescente domínio de todo um receituário neoliberal, com a diminuição do papel de Estado, as privatizações, a abertura a multinacionais.

Os acontecimentos que iam ocorrendo no Brasil representavam para Paulo Freire algo difícil de vivenciar. Por isso, na “Pedagogia da Esperança”, ele comenta a mágoa que a evolução política lhe causa: “Em tais momentos históricos, como o que vivemos hoje no país e fora dele, é a realidade mesma que grita, advertindo as classes sociais da urgência de novas formas de encontro para a procura de soluções inadiáveis” (FREIRE, 1992, p. 93).

Foi ainda na “Pedagogia da Esperança” que também denunciou, por exemplo, (referindo-se ao *impeachment* de Collor) práticas eticamente incoerentes que o indignavam:

Que cinismo - entre dezenas de outros - o de certos políticos que pretendem esconder a seus eleitores-que têm absoluto direito de saber o que se passa no Congresso e porque fazem-defendem, com ares puritanos em nome da democracia, o direito de esconderem-se no “voto secreto” durante a votação do impedimento do presidente da república. Por que se esconder, se não há risco, o mais mínimo, de terem a sua integridade física ofendida? (FREIRE, 1992, p. 12).

CONTEXTO, AUTOR E SUA OBRA

Como é bem sabido, no contexto da ditadura militar no Brasil, Freire tinha sido preso, conseguindo depois partir para o seu longo exílio, primeiro no Chile, e algum tempo depois, para a Suíça. Na dor do exílio, e da saudade, foram acontecendo diferentes situações de cuja vivência Freire se refere frequentemente como tendo tido para ele forte significado. É o caso, por exemplo, da experiência de Harvard e de outras universidades, até à opção feita de trabalhar no Conselho Mundial das Igrejas na Suíça onde, para além de conferências, debates com diferentes instituições, trabalhou com migrantes espanhóis, portugueses e italianos e com a população de colônias, posteriormente, as ex-colônias portuguesas (CORTESÃO, 2018).

Paulo Freire tinha, entretanto, regressado ao Brasil, após o seu longo exílio (1980). Só em 1979 lhe tinha sido concedido o passaporte, e só em 2009 foi amnistiado dos “crimes” políticos que o tinham levado à prisão e ao exílio. Neste regresso, em que Freire dizia precisar de “reaprender o Brasil” Freire carrega, tem incorporadas, na memória do corpo, do coração e do conhecimento, as múltiplas experiências que tinha vivenciado naqueles 17 anos de ausência.

Já no Brasil, Freire vivenciou ainda, de 1989 a 1991, a experiência de ser Secretário da Educação do município de São Paulo. Com esta experiência pode então viver e analisar os choques que acontecem quando a utopia se confronta com as realidades da burocratização, institucionalização e condições concretas de educar crianças no contexto urbano das escolas de São Paulo dos anos 1990 (O’CADIZ; WONG; TORRES, 1998). Freire era, portanto alguém que, na continuidade da sua coerência ideológica, dispunha agora de todo um arsenal

de múltiplas vivências, de reflexões críticas, que o tinham enormemente enriquecido. E, de novo, é importante salientar que essas múltiplas vivências, reflexões e críticas, se, é certo, representaram fatores de enriquecimento, ele nunca desviou, antes reforçou, as análises teóricas que ia produzindo e o posicionamento ideológico que sempre adotou.

Entre o fim do período de gênese e conclusão da “Pedagogia do Oprimido”, em 1968, em que estava no Chile, e o momento em que publica, em 1992, a “Pedagogia da Esperança” e em que vivenciou e analisou tantas experiências enriquecedoras, é um período de intensa produção. Para além de artigos, relatórios e conferências, dá a estampa 16 livros¹

Consciente, no entanto, do avanço do neoliberalismo hostil a tudo quanto defendia e, sobretudo, é importante salientar, consciente também do impacto mundial que a “Pedagogia do Oprimido” tinha tido, Freire, militante contra a opressão e exploração, escreve, então, a “Pedagogia da Esperança”. É neste contexto político (e emocional) tão cheio de problemas que, ele próprio afirma logo no início desta obra, tratar-se de um livro escrito “com raiva e amor”, acrescentando logo em seguida “sem o qual não há esperança” (FREIRE, 1992, p. 12).

Amor e raiva são, realmente, ingredientes que se cruzam constantemente e tecem o posicionamento e a obra de Paulo Freire ao longo de todo o seu percurso de vida. Foi falando explicitamente de amor que Freire, na sua última entrevista afirmou: “eu gostaria de ser lembrado como alguém que amou o mundo, os bichos, as árvores, a terra, a água, a vida” (GADOTTI; DUQUE-ESTRADA, 1997, s.p.).

Descreve assim um amor aberto, sem limites, um amor quase panteísta que o faz ser possuído de indignação contra tudo o que contribui para que o Ser Humano seja humilhado e ofendido na sua dignidade, desrespeitando os seus direitos. É esse amor que o faz dedicar a “Pedagogia do Oprimido” aos “esfarrapados do mundo” (FREIRE, s.d.) e que o faz trabalhar, não só no Brasil mas também nos Estados Unidos e na Europa, com aqueles que constituem o “terceiro mundo dentro do primeiro”.

Intelectual de primeira água, respeitado, estudado, citado em todo o Mundo acadêmico, na sua autenticidade, ele não teme transgredir um dos cânones da produção científica que, tradicionalmente, recomendava e sublinhava, sobretudo nesta época, que se considerasse que o afeto não devia perturbar e inquinar o campo da “verdadeira” produção científica. Ao contrário desta ideia, ele defende explicitamente quanto o amor deverá estar presente quer nos trabalhos com que procura contribuir para um mundo melhor, a que se sente visceralmente ligado, quer nos trabalhos mais de caráter mais acadêmico. Uma frase dele, muito citada e que, segundo Gadotti e Inês Duque foi dita na última entrevista que ele concedeu em Abril de 1997, duas semanas antes de morrer, ele afirma: “eu sou um intelectual

que não tem medo de ser amoroso. Amo as gentes, amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade” (GADOTTI; DUQUE-ESTRADA, 1997, s.p.).

Amor à vida que se entrecruza com a raiva que desde há muito o possuía, uma “legítima raiva” que, como ele diz na “Pedagogia da Autonomia” “envolve no meu discurso quando me refiro às injustiças a que são submetidos os ‘esfarrapados do mundo’” (FREIRE, 1996, p. 15). Raiva a tudo que maltrata, explora e discrimina os que são mais fracos, que não podem ou não sabem lutar por um lugar digno no mundo a que têm direito. Raiva que ele confessa sentir face ao que chama de “sem vergonhice” com que se confronta no contexto em que então vive e contra a qual luta e a que se refere ao longo de todo o texto. “Sem vergonhice” existente num contexto em que “o capitalismo se afirmou definitivamente na sua excelência” (FREIRE, 1992, p. 94). E, com dureza, corajosamente, questiona a “excelência” celebrada pelo capitalismo:

que excelência é essa que dorme em paz, com a presença de um sem-número de homens e mulheres cujo lar é a rua, e que deles e delas ainda se diz que é a culpa de, na rua, estarem? Que excelência é essa que pouco ou nada luta contra as discriminações de sexo, de classe, de raça, como se negar o diferente, humilha-lo, ofendê-lo, menosprezá-lo, explorá-lo fosse um direito dos indivíduos ou das classes ou das raças ou de um sexo a imposição de poder sobre o outro (FREIRE, 1992, p. 94-95).

E continua adiante

[...] que excelência é essa que não se comove com o extermínio de meninas e meninos nos grandes centros urbanos brasileiros, que proíbe que 8 milhões de crianças populares se escolarizem, que ‘expulsa’ das escolas grande parte dos que conseguem entrar e chama a tudo isto ‘modernidade capitalista’? (FREIRE, 1992, p. 96, grifo do original).

A PEDAGOGIA DA ESPERANÇA

Logo no título desta obra Freire anuncia que se irá “reencontrar” com a “Pedagogia do Oprimido”. E fá-lo de múltiplas formas: tomando essa obra como objeto de análise teórica, e como esclarecimento e reforço da ideia da continuidade do seu pensamento político: “reafirmo [...] a posição assumida e defendida na Pedagogia do Oprimido” (FREIRE, 1992, p. 51). Fá-lo quando a propósito da fascinante revelação que faz de como foi acontecendo o processo da gênese da “Pedagogia do Oprimido” (ver, por exemplo, páginas 54, 56 e 57 em que nos vai revelando alguns acontecimentos autobiográficos ocorridos então). Fá-lo para recordar como se foi dando conta dos inúmeros ecos e efeitos que a “Pedagogia do Oprimido” tinha e continuava a ter no Mundo. Mas deste “reencontro” resultaram duas obras

de estilos bem diferentes, qualquer uma delas de uma qualidade e importância absolutamente inegáveis.

A “Pedagogia do Oprimido” é um texto denso, escrito após trabalhos de terreno implicados, concebidos, concretizados e analisados, em que consegue combinar a ousadia com reflexão. É um texto meticulosamente fundamentado e estruturado, que se desenvolve sublinhando a denúncia da cumplicidade da educação em opções sociopolíticas injustas e opressoras, não deixando, no entanto, de apontar caminhos da “possibilidade”. É realmente um texto produzido por um adulto jovem corajoso, coerente, reflexivo, inteligente, engajado politicamente, culto e criativo.

A “Pedagogia da Esperança”, por sua vez, é uma obra aparentemente muito diferente. Ao lê-la, mergulha-se num texto fluido que, analisando sobretudo o passado, não obedece a uma arrumação cronológica. Vai saltando de época para época, ora recuando, ora avançando no tempo, a propósito ou de denunciar situações políticas então existentes que considera inaceitáveis, ora mergulhando em fascinantes memórias de situações autobiográficas, acompanhadas por vezes de reflexões com uma profundidade quase psicanalítica. Ele próprio relata, por exemplo, que, em dada altura, fez a “arqueologia” de uma fase depressiva por ele vivida (FREIRE, 1992, p. 31). Mas, inesperadamente, por vezes relata também diversos exemplos concretos de práticas de trabalho com situações metodologicamente fascinantes (ver, por exemplo, páginas 46 a 50).

De tudo isto resulta um texto que “agarra” o leitor da primeira à última linha. Mas, se tudo é interessante e importante, talvez, do seu conjunto, seja possível apontar como excepcionalmente interessante o relato que vai fazendo (de forma intermitente, porque interrompido, cortado por reflexões ou memórias sempre cativantes) do processo de gênese da “Pedagogia do Oprimido”. Este é de fato um dos aspectos verdadeiramente fascinantes da “Pedagogia da Esperança”. Freire, como que pega o leitor pela mão e permite-lhe contactar com o próprio processo da sua concepção de um constructo teórico-prático de excepcional originalidade, qualidade e relevância. E percebe-se o privilégio, um privilégio quase pecaminoso, por se estar a espreitar a intimidade de um processo criativo de tal qualidade e intensidade. Em circunstâncias como estas é possível também perceber que se está a usufruir da uma enorme generosidade de Freire e de uma imensa honestidade intelectual daquele que nos proporciona tal oferta, que nos permite ir percebendo como uma obra tão importante foi nascendo na imaginação de quem muito estudou, refletiu, lutou e que saiu das mãos de quem a escreveu.

COMENTÁRIO FINAL...EM JEITO DE RESPOSTA

Este texto iniciou-se formulando duas perguntas: por que razão fala Freire de Esperança, num contexto tão ameaçador de tudo aquilo porque sempre lutara? E por que terá ele decidido escrever um livro sobre uma obra que publicara 24 anos antes?

As reflexões que se produziram ao longo deste texto, permitem apoiar algumas considerações que poderão contribuir para que se encontrem explicações para as duas questões anteriormente formuladas.

O fato de Freire decidir, na “Pedagogia da Esperança” dos anos 1990, debruçar-se sobre condições do contexto e processo de gênese e características da “Pedagogia do Oprimido” (anos 1970), corresponde, portanto, a ele se propor estudar transformações ocorridas num longo e fecundo período de vida, em que a condição de incompletude lhe permitiu “crescer”, enriquecer-se, amadurecer ideias e conceber formas de intervenção. Esta escolha significa, talvez, simplesmente, que este período foi escolhido como objeto de estudo, pelo fato de Freire reconhecer que se tratava de um particularmente rico exemplo da ocorrência de múltiplos acontecimentos que vivenciara anteriormente e correspondentes transformações que usufruirá graças à sua condição de inacabado e que, em certos casos, analisa “escavando nas memórias”.

Quanto à tentativa de explicação para o fato de ter escolhido o tema “Esperança” para tema/título do seu livro, a explicação constitui já uma proposta mais arrojada, mas por isso, também talvez mais interessante: é preciso lembrar que, é certo num contexto ameaçador de crescente domínio do neoliberalismo, Freire tinha também podido observar alguns dos ecos e efeitos que uma obra sua tinha tido e continuava a ter no mundo. Pode observar alguns desses efeitos, por exemplo nos USA, na Suíça, na França, na Alemanha, na Suécia, na Espanha, em Portugal, na Guiné Bissau, na Tanzânia, em Moçambique, no Brasil, em organizações como a UNESCO, portanto em contextos de ditadura e de democracia. Pode assim observar que um pequeno livro, tinha podido interessar a pessoas, estimular interrogações, suscitar debates, desencadear projetos de intervenção, mesmo provocar movimentações sociais. São frequentes as referências a que o livro “Pedagogia do Oprimido” tinha sido estudado pelos mais diversificados leitores. Nos anos 1990, debruçado sobre a sua obra dos anos 1970, Freire percebe-a e reafirma-a como uma aurora de esperança, mesmo num contexto em que inúmeros pensadores trabalhavam sobre questões de “denúncia”, declaravam o fim das utopias e, por isso mesmo, da esperança.

A “Pedagogia do Oprimido” pode assim ser considerada, aos seus olhos como representando, simbolicamente, “um pauzinho na engrenagem”, um “pauzinho” aparentemente tão pequeno, mas tão incômodo, tão irritante, tão perturbador para a poderosíssima engrenagem

enquadradora, que esta, por vezes, tentou eliminar a sua existência, por exemplo proibindo a sua publicação. E tentou eliminá-la porque sentiu provocadoramente desafiada por aquela tão pequena entidade, que, de forma inédita, tinha podido denunciar efeitos nefastos da sua ação e, pior ainda, anunciar como viáveis outras formas mais justas de proceder no campo socioeducativo.

Freire muitas vezes defendeu que, “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p. 67). Nesta frase está cuidadosamente subentendido que a sociedade irá mesmo mudar com o contributo da educação. Utopia? Ou anúncio/desafio de possibilidade?

REFERÊNCIAS

CORTESÃO, Luiza. Freire working in and from Europe. In TORRES, Carlos Alberto (Ed.). Wiley Handbook on Paulo Freire. John Wiley & Sons. 2018 (no prelo).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Porto: Afrontamento, s/d.

GADOTTI, Moacir; DUQUE-ESTRADA, Maria Inês. **Paulo Freire (1921-1997)**. Portal de Divulgação científica e tecnológica. 1997. Disponível em: <http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/livros/paulo_freire_36.html>. Acesso em: 16 abr. 2018.

O’CADIZ, Maria del Pilar; WONG, Pia Lindquist; TORRES, Carlos Alberto. **Education and Democracy**: Paulo Freire, Social Movements and Education Reform. Chicago: Westview Press, 1998.

NOTAS

ⁱ Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos (1976); Cartas à Guiné-Bissau (1977); Os Cristãos e a libertação dos Oprimidos (1978); Sobre Educação com Sérgio Guimarães (1982); Por uma Pedagogia da Pergunta, Pedagogia de Diálogo e Conflito Essa Escola chamada Vida (1985); Medo e Ousadia, Aprendendo com a própria História (1987); Que fazer: Teoria e Prática em Educação Popular (1989); Conversando com Educadores, Alfabetização: Leitura do Mundo, Leitura da Palavra (1990) e Educação na Cidade (1991).

Sobre a Autora

¹**Luiza Cortesão** - Professora Emérita da Universidade do Porto. Investigadora do Centro de Investigação e Intervenção Educativas da FPCEUP. E-mail: luizacortesao@gmail.com - ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8738-1859>